

## MOVIMENTO DE IMPLANTAÇÃO DO CURSO DE MATEMÁTICA DA UNESPAR – CAMPUS DE CAMPO MOURÃO: EXPECTATIVAS, OBJETIVOS E DESAFIOS

Clarice de Almeida Miranda  
UNESPAR, campus de Campo Mourão  
clari.miranda@hotmail.com

Talita Secorun dos Santos  
UNESPAR, campus de Campo Mourão  
tsecorun@hotmail.com

Luciano Ferreira  
UNESPAR, campus de Campo Mourão  
lulindao66@gmail.com

### **Resumo:**

O objetivo desta pesquisa foi investigar o movimento de criação do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, campus de Campo Mourão. Consideramos fontes estritas encontradas – como decretos e atas de reuniões – e fontes orais – originadas de duas entrevistas com quatro professores ligados ao contexto da criação do curso. Para a organização das entrevistas utilizamos a metodologia História Oral, que consiste na criação de fontes para responder ao problema de pesquisa. Percebemos, nesta pesquisa, o vínculo que a criação do curso de Matemática teve com as primeiras discussões da constituição da Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão - FECILCAM como uma Universidade. O objetivo e justificativa da implantação do curso em Campo Mourão foi formação de professores de Matemática para rede Básica de Ensino. A autorização do Curso veio em 15 de janeiro de 1998. As principais dificuldades enfrentadas com a abertura do curso foi a de falta de professores no departamento, com poucos professores efetivos, e a não autorização para abrir concurso. O trabalho pretende contribuir para a construção de uma História do curso de Matemática da UNESPAR.

**Palavras-chave:** História da Educação Matemática. História do curso de Matemática. Curso de Matemática da UNESPAR. História Oral.

### **Introdução**

No presente trabalho apresenta-se os resultados de uma pesquisa de conclusão de curso da primeira autora, sob orientação da segunda, em que nosso objeto de pesquisa foi o curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, campus de Campo Mourão.

Tivemos por objetivo geral contribuir para a construção de uma História do curso de Matemática da UNESPAR, investigando os processos legais feitos na aprovação do curso e

o objetivo da implantação, além de tentar compreender o contexto e as concepções que norteavam a criação do curso.

Para coleta de dados utilizamos de fontes escritas disponíveis – como decretos e atas de reuniões – e também fontes orais – originadas de entrevistas com quatro pessoas ligadas ao curso e a direção da Instituição, no contexto da criação do curso – organizadas segundo a metodologia da História Oral, e, portanto, consistindo na criação de fontes para responder ao problema de pesquisa.

Segundo Baraldi (2003, p.215), trabalhar com depoimentos, em História Oral, é acreditar que “o conhecimento histórico do passado é um processo inacabado e que se transforma e se aperfeiçoa por meio do que conhecemos do presente”.

Considerando tal metodologia, adotamos uma perspectiva mais contemporânea de história e assim a história que iremos contar se constitui em uma, das formas de se contar a história do movimento de criação do curso de Matemática da UNESPAR. Pois, segundo Garnica e Souza (2012, p.21-22), “não existe uma única história, ou uma História verdadeira, ou, ainda, uma reconstituição verdadeira do passado. O que existem são versões históricas, construídas com rigor, a partir de uma diversidade de fontes”. Essas fontes são lidas e interpretadas pelo pesquisador, assim temos que considerar ainda que, segundo Bortoli (2003, p.2), “cada pesquisador, ao realizar suas pesquisas, carrega consigo suas experiências, sua história de vida”.

Sendo assim, considerando as nossas experiências e a nossa história de vida, buscamos nesse trabalho investigar os processos legais feitos na aprovação do curso, o objetivo da implantação do curso, compreender um pouco do contexto em que se deu a criação do curso de Matemática, além de, investigar as concepções que norteavam a criação do curso e contribuir para a construção de uma História do curso de Matemática da UNESPAR.

### **A seleção de fontes: fontes escritas e fontes orais**

Para desenvolver este trabalho, partimos do pressuposto que “nenhuma operação historiográfica [...] pode negligenciar fontes disponíveis, ainda que seja possível tomar algumas fontes como prioritárias (pela natureza das informações que elas nos trazem) e secundarizar – mas nunca desprezar – outras” (MARTINS-SALANDIM, 2012, p.51). Deste

modo, nos propusemos a buscar em fontes escritas e orais respostas para atingirmos nossos objetivos.

Tendo em vista que nesta pesquisa pretendemos investigar a criação do curso de Matemática na Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão<sup>1</sup> - FECILCAM que teve primeira turma em 1998, iniciamos nossas buscas a partir do conhecimento desta data, buscando registros e nomes de pessoas que estiveram envolvidas antes desta data, já que neste trabalho buscamos investigar apenas até a aprovação e início do curso.

Foi realizada uma busca por documentos escritos, junto ao Departamento de Matemática da UNESPAR e da Direção, que constaria alguma referência à abertura do curso de Matemática, que viessem a contribuir para a confirmação e identificação de novos sujeitos a serem entrevistados – e, também, que dialogassem com as fontes orais.

Para esta pesquisa, os documentos consultados foram dois Pareceres encontrados no site do Conselho Estadual de Educação do Estado do Paraná – CEE-PR, o relatório de Pesquisa da Avaliação Institucional da FECILCAM – PDI 2010-2015, o livro publicado nos quarenta anos da FECILCAM (2012) e dois livros ata com registros de 1985 a 2002 e de 1990 a 1995. Destacamos o fato de não termos encontrado registros, em atas de reuniões, sobre a implantação de novos cursos após o ano de 1994.

Além disso, segundo informações, livros ata do departamento de matemática foram retirados no ano da elaboração do livro dos quarenta anos da FECILCAM. Desde então, desconhece o destino que tiveram.

A dificuldade encontrada em localizar esses documentos não é local. Neto e Trivizoli (2014) relataram sua experiência da busca documental na Universidade Estadual de Maringá. As principais dificuldades levantadas pelos autores são a falta, ou mesmo ausência, de cuidados com os documentos, o fato de esses documentos existentes não serem organizados – não ter informações sobre o documento, necessitando um trabalho minucioso de leitura e fichamento – e o fato de não existir um centro arquivístico na instituição, uma vez que os documentos se encontram espalhados pelos centros da Universidade.

Para a seleção de possíveis entrevistados tínhamos conhecimento que os professores Marcos Erhardt, Valdir Alves e Amauri Ceolim fizeram parte do primeiro corpo docente do departamento de matemática da FECILCAM. Na leitura das atas algumas participações desses professores, ainda anteriores à implantação do curso, foram identificadas.

---

<sup>1</sup> Atual Universidade Estadual do Paraná, campus de Campo Mourão.

O professor Marcos Erhardt foi diretor da faculdade no período de 1993 a 1997 e, posteriormente, professor no curso, o professor Valdir Alves foi mencionado, várias vezes, como chefe de departamento, além de ainda ser professor no curso, e o terceiro entrevistado, professor Amauri Ceolim, foi escolhido após uma conversa informal, em que informou-nos que sua participação se deu ainda antes da implantação do curso na Faculdade. Foi identificada, também, a professora Sinclair Casemiro Pozza, diretora da FECILCAM de 1997 a 2001 e, em períodos anteriores, Coordenadora de Ensino, Pós-graduação e Extensão.

Por sugestão dos participantes, a entrevista com os professores Amauri, Marcos e Valdir foi realizada em grupo. A proposta foi aceita por nós, pois acreditamos que o sentimento de cumplicidade entre os participantes possa criar um ambiente de menor estranhamento para que os mesmos relatem. Já a entrevista com a professora Sinclair foi feita por telefone, devido ao tempo para a realização da pesquisa.

Ao se fazer as entrevistas o próximo momento foi o de transcrição (degravação) daquilo que havia sido gravado durante as entrevistas. A transcrição, tem por característica preservar o que foi dito pelo depoente na forma mais original possível e todas as características da oralidade, como vícios de linguagem, pausas, situações e reações percebidas pelo entrevistador (GARNICA; SOUZA, 2012).

Com o registro transcrito em mãos iniciamos a textualização das entrevistas. Não mais técnico como a transcrição, e sim, um momento de compreensão do contexto e das histórias entrelaçadas em que os depoentes contavam. Uma atribuição de significados ao que foi narrado pelo depoente.

Deste modo, há diferentes níveis de textualização, segundo Garnica e Souza (2012),

[...] o pesquisador pode optar por apenas excluir do texto da transcrição alguns elementos próprios da oralidade [...] e preencher algumas poucas lacunas que tornarão mais fluente a leitura do depoimento. [...] pode optar por reordenar o fluxo discursivo, e essa reordenação pode se feita temática ou cronologicamente. Alguns pesquisadores optam por inserir subtítulos realçando os temas (GARNICA; SOUZA, 2012, p.107-108).

Em nossa pesquisa, optamos por reorganizar o texto de modo que os assuntos discutidos ficassem mais próximos, pois o momento da entrevista não é linear, o entrevistado lembra, volta, reformula. Assim, foram excluídas partes em que houveram repetições de palavra ou passagens e até comentários dos entrevistados em que, segundo orientação dos mesmos, não deveriam aparecer no trabalho final para divulgação. Neste momento, algumas palavras, também, foram inseridas no intuito ligar frases e assuntos.

Por fim, se diz não em um julgamento do que foi dito pelo depoente, mas na exposição das compreensões daquilo que foi possível perceber pelas narrativas e outras fontes em que o pesquisador julgou necessárias à compreensão do cenário que se buscou investigar (GARNICA, 2003; 2010).

Assim, segue as narrativas daquilo que as considerações feitas acerca do objeto estudado com base no que as entrevistas e os documentos escritos (encontrados durante a investigação) possibilitaram compreender.

### **Novos cursos e o sonho de uma nova Universidade**

Em 24 de agosto de 1972 cria-se a Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão pela lei municipal nº 26/72, como uma Instituição de Ensino Superior mantida pela Fundação de Ensino Superior de Campo Mourão (Fundescam) resultante de um movimento que se iniciou em agosto de 1967, tendo aprovação pelo Conselho Estadual de Educação pelo Parecer nº 47/69, de 21 de maio de 1969, em segunda tentativa durante o mandato do Prefeito Augustinho Vecchi (FECILCAM, 2010).

Após a estadualização da Faculdade, nos anos 90, novos horizontes foram vislumbrados pela comunidade acadêmica. Notando ser a única Instituição Pública de Ensino Superior no território de 25 municípios, abre discussões a necessidade de uma Universidade Pública para a região (FECILCAM, 2010).

Na entrevista da professora Sinclair Pozza Casemiro, percebemos fortemente a presença dessas discussões acerca da gratuidade da universidade e a necessidade da constituição de uma Universidade Regional, que atendesse os interesses e necessidades da comunidade, dos municípios da Comunidade dos Municípios da Região de Campo Mourão - COMCAM. Esse sentimento se destaca no trecho a seguir:

*Sinclair: Nós tivemos a consciência de que a nossa Faculdade precisava se transformar em Universidade. Isso já estava, assim, amadurecendo, já não cabia mais aquela forma de trabalho que deixava a nossa Faculdade muito limitada. Não podia trabalhar a pesquisa, uma série de coisas. [...] o que nós observamos é que precisaríamos de um projeto muito intenso e muito bem elaborado. De um trabalho realmente ativo que tivesse envolvimento até com a própria comunidade. [...] O nome Universidade Regional era só uma complementação do sentimento que havia e de uma consciência muito clara de que deveria haver uma instituição pública, forte de Ensino Superior, com poder de desenvolver de fato conhecimento científico, a pesquisa regional para o nosso desenvolvimento regional.*

Em nossas análises foi possível perceber que esse interesse em se formar uma Universidade já é manifesta em 1991.

O então diretor, Agenor Krul, comunica em reunião a existência de “uma ideia na Secretaria do Ensino Superior de criar a Universidade Estadual do Paraná – UNIPAR, englobando as faculdades do estado com a mesma composição da USP, onde haveria uma reitoria própria, com possibilidade de remanejamento de cursos” (FECILCAM, Ata da reunião realizada no dia 23 de outubro de 1991).

Assim como é manifesta a intenção de se implantar novos cursos:

Informou o Diretor que no dia 14 de fevereiro, recebeu das mãos do Ministro de Educação Carlos Chiarelli as Portarias de números 231, 232 e 233 que reconhecem os cursos de Letras, Geografia e Pedagogia, com a situação regulamentada realizaremos pesquisa para a autorização de novos cursos, juntos aos estudantes de 2º grau e comunidade (FECILCAM, Ata da reunião realizada no dia 18 de fevereiro de 1991, p.6).

Na análise dos documentos que realizamos, a discussão da implantação de novos cursos se intensifica em 1993, na gestão do Diretor Marcos Erhardt e da Vice-direção Sinclair Pozza Casemiro. Na entrevista com o professor Marcos, ele destacou tal período:

**Marcos:** *Eu assumi a direção em 94, a primeira coisa que eu tive como ideia, foi abrir o curso de Matemática.*

Deste modo, no dia 08 de setembro de 1993 forma-se uma comissão a fim de dar força e sustentação ao projeto “implantação de novos cursos”, formada por membros representativos da comunidade local e regional COMCAM (FECILCAM, Ata da reunião realizada no dia 08 de setembro de 1993).

Essa comissão se reuniu em 13 de novembro de 1993 para discutir e debater sobre o projeto de implantação de novos cursos na FECILCAM. E, em 25 de janeiro de 1994, uma comissão vai a Maringá a fim de discutirem junto à Universidade Estadual de Maringá – UEM os procedimentos e possibilidades para a implantação de novos cursos (FECILCAM, Ata da reunião realizada no dia 28 de março de 1994).

Na entrevista com a professora Sinclair Pozza, ela destacou esse período de procura de parcerias com as Faculdades e Universidades da região, e justificou:

**Sinclair:** *Na verdade, a primeira universidade que eu procurei foi em Maringá, a UEM, e, em seguida, a Federal de Curitiba. Por quê? Porque o nosso foco era regional. Então as universidades do Paraná é que deveriam ser nossas parceiras e foram. Mantivemos uma parceria muito boa com a UEM, com a Federal.*

No dia 28 de março, propostas são levadas a Congregação de cursos com base em uma pesquisa junto à comunidade acadêmica. Apresentadas pelo professor Agenor Krul, que

coordenou os trabalhos de pesquisa, as sugestões de cursos teve como resultado: 1º Agronomia, 2º Veterinária, 3º Pedagogia – Magistério, 4º Engenharia de Produção Agroindustrial e 5º Psicologia.

Fazendo uma reflexão do resultado, o professor Agenor destacou os aspectos sociais e econômicos da comunidade local e regional. De acordo com o diretor, a maioria dos alunos de 2º grau eram trabalhadores, então, haveria uma dificuldade em se implantar cursos de tempo integral. Ainda destacou o fato de os cursos de veterinária e Engenharia Agroindustrial terem grande apoio político e interesse de cooperativas local, mas que havia de se considerar, além do fator econômico, o fator social, em que se tornava necessária formar professores para o 1º e 2º graus, destacando o interesse pela nova habilitação para Magistério (FECILCAM, Ata da reunião realizada no dia 28 de março de 1994).

A professora Sinclair participou de todo o debate e destacou, em sua entrevista, a escolha pelo curso de Engenharia de Produção Agroindustrial e o que era esperado da implantação deste curso. No depoimento da professora, percebemos que este condizia com as concepções que estavam se desenvolvendo na época, ligada à comunidade local e ao desenvolvimento da região:

*Sinclair: Nós detectamos também a necessidade de um curso [...] ligado à agricultura. Um curso que envolvesse a agricultura da região, não no sentido de ciências agrônomicas, mas no sentido de transformar os grãos que eram levados pra fora do Estado, pra formarem produtos industrializados. Que houvesse uma diversificação maior, e que isso levasse a própria região a ser um celeiro de indústrias. Então nasceu também a ideia do curso de Engenharia de Produção Agroindustrial.*

As propostas, citadas acima, foram colocadas para votação, tendo como resultado a habilitação em Magistério – Curso de Pedagogia em primeiro lugar, sendo aprovado pela maioria. Levando novamente para votação as propostas dos cursos de Veterinária e Engenharia Agroindustrial (período integral) tiveram respectivamente com 2 e 32 votos.

Ficando, então, decido que as propostas do curso de Pedagogia – Habilitação em Magistério e de Engenharia Agroindustrial seriam levadas a discussões junto ao Conselho Estadual de Educação do Estado do Paraná, uma vez que segundo o parecer nº 363/85 do Conselho estadual de Educação, que delibera sobre cursos de graduação e novas habilitações, permitia a solicitação de abertura de dois cursos, em que se incluía como tal, o pedido de nova habilitação. O então diretor Marcos Erhardt comunica que estariam sendo feito esforços para que o Conselho Estadual de Educação não viesse a considerar a abertura da habilitação do curso de Pedagogia como um novo curso, uma vez que a habilitação em Administração escolar não seria mais ofertada (FECILCAM, Ata da reunião realizada no dia 13 de abril de 1994; FECILCAM, Ata da reunião realizada no dia 18 de julho de 1994).

Dada essa possibilidade, o diretor solicitou à Congregação a permissão para que a Direção junto à Comissão nomeada, as lideranças políticas da região e Estado e o Secretário de Ensino Superior, a discutirem a viabilidade de abertura de novos cursos junto aos órgãos superiores, com intuito de evitar trabalho perdido na aprovação de um curso em que o Estado mantenedor não aprovaria (FECILCAM, Ata da reunião realizada no dia 18 de julho de 1994).

Não aceita a proposta, a Congregação aprova a seguinte tramitação:

Cada professor através de um formulário próprio indicaria 3 cursos que julgue ser prioritário, os três mais votados seriam levados a comissão analisar sob todos os aspectos o que mais atenderia, levando em consideração: necessidade social, vontade política e vocação regional. Após decisão da comissão de implantação de novos cursos a direção deverá voltar a proposta para a Congregação juntamente com os dados e informação que justifiquem a implantação (FECILCAM, Ata da reunião realizada no dia 18 de julho de 1994, p. 58).

Nesse contexto é possível perceber uma preocupação com os aspectos políticos da implantação de novos cursos. Deu-se início a uma busca por cursos que atendessem os interesses do Estado e as necessidades da região. De acordo com as entrevistas dos professores Marcos e Valdir, as busca por cursos que situavam entre o apoio político e o atendimento aos interesses da comunidade acadêmica e região:

**Marcos:** *Porque na época, a filosofia era o seguinte. Abri curso de direito? Entre formar profissionais que o estado precisa, para o Ensino Fundamental e Médio, ou abrir um curso de direito. O Estado não abriria nunca!*

**Valdir:** *É, e o curso de Engenharia veio mais por conta da Coamo.*

Ainda assim, na entrevista da professora Sinclair, percebemos a expectativa em relação à procura por cursos que, principalmente, atendessem as necessidades e interesses da região:

**Sinclair:** *Isso levou a que nos juntássemos à comunidade nas carências, nas necessidades, que ela tinha para com o desenvolvimento da região e que o ensino superior, por meio especialmente da pesquisa devia compreender. Nós sentíamos que havia uma distância muito grande entre o que acontecia na educação superior da FECILCAM e o que demandava a nossa região em termos de conhecimento e de desenvolvimento. E aquilo que realmente estava se desenvolvendo de forma muito precária, por conta de muita dependência com instituições de comando na própria educação superior, com setores políticos, governamentais que não davam, é claro, atendimento às necessidades próprias daquela realidade nossa.*

**Uma necessidade, uma proposta**



As ideias da proposta de Licenciatura Básica em Matemática haviam sido debatidas em julho de 1992, em reunião convocada pela Câmara de Ensino Superior do Estado do Paraná – CEE/PR, juntamente com representantes de todas as IES que ofereciam o curso de Matemática ou Ciências com Habilitação em Matemática, e com a presença do professor Dr. Rodney Carlos Bassanezi, da UNICAMP – Universidade de Campinas, como consultor (Conselho Estadual de Educação do Estado do Paraná. Parecer nº 343/96).

Nesta reunião ficou determinado que cada Instituição de Ensino Superior – IES, com base em sua própria Licenciatura e no projeto de Licenciatura do curso de Matemática, recém-elaborado, da UNICAMP, fariam uma primeira discussão, que seriam discutidos posteriormente. Então, no segundo semestre de 1993, uma comissão foi eleita, para que com base nas discussões e sugestões das IES fosse elaborada, juntamente com a relatora e o consultor professor Dr. Rodney Carlos Bassanezi, uma proposta de Licenciatura Básica em Matemática para o Estado do Paraná (Conselho Estadual de Educação do Estado do Paraná. Parecer nº 343/96).

Na entrevista concedida o professor Marcos ressalta o fato da presença do professor Rodney Bassanezi para a ideia da implantação do curso de Matemática na FECILCAM:

**Marcos:** *Agora, que curso vamos abrir? O Rodney, que veio dar uma palestra sobre o que ele entendia de um curso de Matemática, para formar profissionais que atuariam no Ensino Fundamental e Médio. E as coisas foram caminhando. [...] Desde o início a ideia do curso, sem o Rodney vir fazer uma palestra aqui, não tinha como. Nós não tínhamos rumo.*

Iniciam-se, então, na FECILCAM, as discussões acerca da implantação de um curso de Matemática a partir de informações adquiridas do Núcleo Regional de Ensino - NRE de Campo Mourão sobre a falta de professores qualificados para dar aula de Matemática no município e região (FECILCAM, 1998).

A pesquisa junto ao NRE de Campo Mourão se deu a fim de conhecer a região e atender as necessidades da época e como as aulas de Matemática da rede Básica de Ensino serem ministradas, em grande parte, por profissionais de áreas a fins. Assim, o interesse da comunidade acadêmica pelo curso foi se consolidando. Destacamos os trechos a seguir em que o professor Marcos e da professora Sinclair descrevem este movimento de busca pela justificativa de implantação do curso de matemática:

**Marcos:** *Primeiro, por que abrir um curso de Matemática? Tem que ter motivo. E, que curso vamos abrir? Abrir um curso de Matemática com que finalidade? Fizemos uma pesquisa junto ao Núcleo. Que nós tínhamos uma vantagem que a Dirce Wanderbroock, era chefe do Núcleo. Falei, “Dirce, levanta para mim os professores formados em Matemática e Física que atuam no Núcleo de Campo Mourão”. Que é a atual COMCAM. Lá provou que 48% dos professores que lecionavam Matemática e Física eram formados em Economia, Contábeis e Administração. [...] Na Faculdade, o Ademir era da Matemática e não era formado em Matemática, era formado em Administração.*

*Nós tínhamos dois engenheiros trabalhando na faculdade! No departamento de matemática, que não eram matemáticos! Engenheiro Civil. Provado que precisa.*

**Sinclair:** *Isso fez com que em primeiro lugar nós fizéssemos, não propriamente uma pesquisa, mas um trabalho investigativo, podemos dizer uma enquete com a comunidade, em parceria com o Núcleo Regional de Educação para compreender os anseios e as necessidades de nossa comunidade regional na área da Educação e do desenvolvimento regional. Eu fiz esse trabalho como coordenadora pedagógica da FECILCAM, eu era vice-diretora do professor Marcos, mas eu atuava na coordenação. [...]Então, nessa enquete, em que procurei o Núcleo Regional de Ensino, que na época era dirigido pela professora Dirce Wanderbrook, fizemos uma pesquisa direcionada aos interesses, primeiramente, de cursos para a FECILCAM para formação de professores. Ela, de antemão, já falou: “Ah Sinclair, nós precisamos de professor de Matemática. Está dando Matemática quem é formado em Química e quem é formado...”, “Ah, os colégios da região... é uma tristeza, não há professor. Até professor de Ciências dá aula de Matemática, porque são áreas afins”. Foi uma enquete que seguiu uma metodologia muito bem fundamentada mesmo, e preocupada em fazer um trabalho não de opinião, mas um trabalho de descoberta, de revelação daquilo que fosse a nossa realidade.*

Pela portaria nº 014, de 14 de agosto de 1996 – CEE, a relatora Regina Luzia Corio de Buriasco e pelo professor Rodney Carlos Bassanezi foram designados, como comissão verificadora, para uma verificação das condições de funcionamento, e em 12 e 13 de setembro de 1996, apresentam relatório pertinente ao Curso de Licenciatura Plena em Matemática na FECILCAM (FECILCAM, 1998).

A proposta de Licenciatura em Matemática da UNICAMP apresentada as Instituições de Ensino Superior no ano de 1992, trouxe consigo a ideologia de como se pensar a formação de professores. A elaboração do projeto teve como base os princípios defendidos pela UNICAMP, pensado nos moldes da Educação Matemática, como destaca a professora Sinclair:

**Sinclair:** *Pra que o curso de Matemática tivesse aprovação e pra que ele respondesse ao interesse da nossa instituição, ele foi pensado junto com alguns professores da UNICAMP, como o Sebastiani e o professor pescador<sup>2</sup> - esse era seu apelido, não me lembro seu nome agora - da área da Matemática. Também participaram o professor Arguello da UNICAMP e o professor Adriano da UEM. Então, a grade, ela foi pensada nos moldes da Educação Matemática. Atendendo aquilo que fosse possível ser feito nessa concepção.*

Observamos o fato, também, da influência tanto da necessidade da formação de professores de Matemática para a rede básica de Educação, quanto os princípios defendidos pela UNICAMP na perspectiva da Educação Matemática, teve influência na maneira como os professores concebiam o curso de Licenciatura em Matemática da FECILCAM. Como destacam os professores Amauri e Valdir:

**Amauri:** *É que eu falava assim da UEM, tem a questão da perspectiva que é mais da Matemática formal. E nós, começamos a trabalhar com a Educação Matemática. Até, na época, tinha o CEM – Centro de Educação Matemática, eu era o coordenador. E eu falava que não, aqui tem que ser da Matemática na perspectiva da Educação Matemática. E o Valdir também já era da Educação.*

<sup>2</sup> Posteriormente, em conversa com os professores Valdir e Marcos, descobrimos que possivelmente neste momento a professora Sinclair se referiu ao professor Rodney Bassanezi.

**Valdir:** *Eu sempre fui fiel ao propósito. A ideia da criação do curso aqui foi formar professores de Ensino Fundamental e Médio. Então a Matemática Pura pra mim não servia, já naquela época.*

A autorização do Curso veio pelo decreto Decreto Estadual n.º 3.938, de 15 de janeiro de 1998, com base no Parecer n.º 297/96-CEE/PR, de 04 de dezembro de 1996 (Conselho Estadual de Educação do Estado do Paraná. Parecer nº 1216/10), durante o mandato do Governador Jaime Lerner e período em que a professora Sinclair e o professor Rubens Luiz Sartori estavam na direção da FECILCAM.

### Curso aprovado e em andamento...

Na entrevista com os professores foi possível perceber as dificuldades enfrentadas durante a implantação, a não autorização da contratação de professores nos primeiros anos. Durante a entrevista o professor Amauri enfatiza as condições iniciais da implantação do curso:

**Amauri:** *As condições físicas e humanas eram muito ruins. Não tinha condições nenhuma de implantar nenhum curso com o quadro que tinha. A titulação do corpo docente aqui, não tinha ninguém com título de mestre na época, nem mestrando não tinha, o que tinha mais eram especialistas e muito poucos professores.*

Além da falta de professores efetivos e os professores destacam o fato de não haver professores em regime de dedicação exclusiva:

**Marcos:** *Não tinha TIDE, só tinha um, porque era o diretor.*

**Valdir:** *Na verdade assim, nós éramos cinco professores efetivos. Mas a professora Dirce, como ela era chefe do núcleo, tinha uma carga horária muito pequena. Ela sempre foi T-12, T-9. E a Tumoko que também vinha de Terra Boa também era T-12. A Dirce nunca deu aula no curso. A Tumoko deu algumas disciplinas no curso. E o Marcão era TIDE e eu e o Amauri éramos T-40, na época, mas não éramos TIDE. TIDE era só o Marcão, e muito mais em função do cargo que ele tinha ocupado antes. Não tinha muita prática de professor TIDE na época, diferente de hoje que noventa e tantos por cento dos professores são TIDE's.*

Os professores destacam o fato de terem cargas horárias de aula excessivas, a composição da grade de disciplinas de outros cursos contribuía para essa sobrecarga. Fato este que, também, dificultava a realização de outras atividades de pesquisa e extensão no Departamento:

**Valdir:** *Inclusive esses cursos de Ciências Sociais Aplicadas reduziram a carga horária, hoje.*

**Marcos:** *Hoje, mas na época não!*

**Valdir:** *Antes tinha Matemática I, Matemática II. A carga horária dos cursos de Ciências Sociais e Aplicada.*

**Marcos:** *Estatística I, Estatística II, Matemática Financeira com quatro aulas. Isso era tudo nosso. Praticamente 30% do curso de Engenharia são do nosso departamento e o nosso curso inteiro!*

**Valdir:** *É. E a gente sempre tocava aí na faixa sete, oito professores. Com todo respeito, a gente só dava aula. Não fazia nada. Esse negócio de PDE, Iniciação Científica...*

**Amauri:** *Não, não tinha.*

Além das condições iniciais da implantação do curso, e a carga horária que os professores tinham que enfrentar, eles também relatam a respeito do perfil dos alunos da primeira turma do curso de Matemática da FECILCAM. Segundo os professores a turma de 1998 enfrentou uma concorrência maior no vestibular e era composta por alguns alunos portadores de diploma de Ensino Superior. Como destacamos as falas abaixo:

**Amauri:** *Eu quero destacar uma fala que eu disse. Que a primeira turma foi bem formada e tal, não quer dizer que as outras quinze não estão. Eu acho que estão saindo melhor formadas. É assim, é pelas condições. A concorrência foi muito maior.*

**Valdir:** *Muitos portadores de curso superior.*

**Marcos:** *O cara formado em Economia, Administração, Contábeis, ia fazer Matemática. Por isso facilitou para nós até, apesar de nossa dificuldade, começar o curso, nós pegamos um pessoal um pouquinho qualificado, vamos dizer assim. Eu digo assim, porque os que já tiveram um curso superior, já viram alguma coisa.*

**Amauri:** *É diferente.*

Com a criação dos novos cursos, Matemática e Engenharia, a Faculdade proporcionou vários debates para discutir a transformação da Faculdade em Universidade, entre 1998 e 1999. Passou a se comprometer, também, com a capacitação dos professores, por meio de parcerias com a Universidade Estadual de Maringá (Grupo NUPÉLIA), com a UNESP – Campus Araraquara e com a Universidade Federal do Paraná que resultou em um convenio que também capacitou professores do Departamento de Matemática – Métodos Matemáticos e computacionais aplicados à Engenharia, em 2002 (FECILCAM, 2010).

## Resultados

Após a Estadualização da instituição, tornaram-se frequentes discussões acerca da constituição de uma Universidade Regional, pública e que atendesse os interesses e necessidades, visto que era a única Instituição Pública de Ensino Superior no território de 25 municípios da COMCAM. Esse fato desencadeou a necessidade e o desejo de ampliação, de busca pelo novo e de olhar para as necessidades e desenvolvimento da comunidade local.

O movimento de busca por novos cursos que atendessem aos interesses do contexto, segundo nossas análises, foram ampliados durante a gestão do Diretor Marcos Erhardt e da Vice-direção Sinclair Pozza Casemiro, em 1993.

A primeira proposta de uma Licenciatura Básica em Matemática foi identificada no ano de 1992 em reunião convocada pela Câmara de Ensino Superior do Estado do Paraná –

CEE/PR com a presença do professor Dr. Rodney Carlos Bassanezi, da UNICAMP, como consultor.

A motivação da implantação do curso na FECILCAM foi por meio de informações advindas do Núcleo Regional de Ensino, que apontou que as aulas de Matemática da rede Básica de Ensino da região eram ministradas, em grande parte, por profissionais que não eram formados em matemática.

Os entrevistados destacam a presença de professores da UNICAMP em contribuições para a implantação. Percebemos que tanto a presença da UNICAMP, que trouxe um currículo e uma proposta de formação de professores – fato que exige uma nova investigação –, e a própria ocasião em que a implantação do curso, dada a necessidade de formar profissionais da área, influenciaram no modo como o corpo docente adotaram as perspectivas da Educação Matemática, formando um curso para formação de professores de Matemática.

A autorização do Curso veio pelo decreto Decreto Estadual n.º 3.938, de 15 de janeiro de 1998.

Após a implantação os professores se deparam com a falta de professores no departamento, com poucos professores efetivos e a não autorização para abrir concurso. Ainda destacamos o fato de não haver professores em regime de dedicação exclusiva – exceto o professor Marcos, que havia sido diretor, e as cargas horárias de aula excessivas.

Nossas análises convergem para as conclusões que Martins-Salandim (2012) no estudo do movimento de expansão de cursos de Matemática no interior do estado de São Paulo:

Tortuosos revelaram-se os caminhos para a criação e desenvolvimento destes cursos que, mesmo instalados em um estado brasileiro que já contava com um curso de Matemática desde a década de 1930, sofrem, pelo menos nos anos iniciais, com a falta de estrutura física e de quadros profissionais para neles atuarem, ficando à mercê de diferentes influências, seja das estruturas já existentes, seja da demanda de formação de professores em geral, e de Matemática em particular, para atuar no ensino secundário (MARTINS-SALANDIM, p.347, 2012).

Em que destaca o quanto a criação destes cursos e formação sofre influências do contexto político e social e o quanto o curso de formação de professores tem um início desestruturado em termos de docentes e estrutura física.

## Considerações Finais

Tivemos por objetivo nesta pesquisa contar uma história da criação do curso de Matemática da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR, campus de Campo Mourão, por meio de fontes documentais e orais, que foram organizadas segundo os princípios da metodologia História Oral e, portanto, se constituem em fontes para o presente trabalho.

Ao estudar o movimento de criação do curso de Matemática da FECILCAM, percebemos ser impossível desvincular a história da criação do curso de Matemática na FECILCAM de um momento específico da história da Faculdade. A história da constituição da FECILCAM como uma Universidade Estadual.

As entrevistas nos possibilitaram compreender o contexto e as condições iniciais do curso, assim como o perfil dos alunos da primeira turma. Pois, segundo Garnica (2011, p.8), “Fontes orais nos contam não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez”. Portanto, essas narrativas foram importantes para compreensão do cenário, das expectativas e objetivo do curso de Matemática na FECILCAM.

Deste modo, este trabalho se constitui em uma das diferentes formas de se contar a história da criação do curso de Matemática da UNESPAR, campus de Campo Mourão.

## Referências

BARALDI, Ivete Maria. **Retraços da Educação Matemática na Região de Bauru (SP): uma história em construção**. 2003. 240 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.

BORTOLI, Adriana de. **História da criação do curso de Matemática da Pontifícia Universidade Católica de Campinas**. 2003. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.

**Conselho Estadual de Educação do Estado do Paraná**. Parecer nº 1216/10.

**Conselho Estadual de Educação do Estado do Paraná**. Parecer nº 343/96.

FACULDADE ESTADUAL DE CIÊNCIAS E LETRAS DE CAMPO MOURÃO (FECILCAM). Direção. **Ata da reunião realizada no dia 18 de fevereiro de 1991**. Livro Ata do Conselho Departamental, n. 2, p. 6.

FACULDADE ESTADUAL DE CIÊNCIAS E LETRAS DE CAMPO MOURÃO (FECILCAM). Direção. **Ata da reunião realizada no dia 23 de outubro de 1991**. Livro Ata do Concelho Departamental, n. 2, p. 18.

FACULDADE ESTADUAL DE CIÊNCIAS E LETRAS DE CAMPO MOURÃO (FECILCAM). Direção. **Ata da reunião realizada no dia 28 de março de 1994**. Livro de Atas da Congregação, n.2, p. 56.

FACULDADE ESTADUAL DE CIÊNCIAS E LETRAS DE CAMPO MOURÃO (FECILCAM). Direção. **Ata da reunião realizada no dia 13 de abril de 1994**. Livro de Atas da Congregação, n. 2, p. 57.

FACULDADE ESTADUAL DE CIÊNCIAS E LETRAS DE CAMPO MOURÃO (FECILCAM). Direção. **Ata da reunião realizada no dia 18 de julho de 1994**. Livro de Atas da Congregação, n. 2, p. 58.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação. **Zetetiké**, Campinas, v. 11, n. 19, p. 9-56, jan./jun. 2003.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. Registrar oralidades, analisar narrativas: sobre pressupostos da História Oral em Educação Matemática. **Ciências Humanas e Sociais em Revista**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 2, p. 20-35, jul./dez. 2010.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. História Oral e Educação Matemática: considerações sobre um método. In: I CONGRESSO IBEROAMERICANO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 2011, Portugal. **Anais...** Portugal, 2011, p.1-12.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti; SOUZA, Luzia Aparecida de. **Elementos de História da Educação Matemática**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

MARTINS-SALANDIM, Maria Edneia. **A interiorização dos cursos de Matemática no estado de São Paulo**: Um exame da década de 1960. 2012. 374 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

NETO, Antônio Peixoto De Araujo; TRIVIZOLI, Lucieli Maria. Um Estudo Histórico do Curso de Matemática da Universidade Estadual de Maringá: Os Enfrentamentos Iniciais de uma Pesquisa Documental. In: XII ENCONTRO PARANAENSE DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 2014, Campo Mourão. **Anais...** Campo Mourão: UNESPAR, 2014.